

DEVA
CASSEL

DNA de
talento



TIJOLOS DE ALTA-COSTURA

Há 10 anos, a arquiteta francesa Clarisse Merlet criou um protótipo de tijolo feito com roupas descartadas. De lá para cá, a FabBRICK superou o *hype* da viralização e hoje é uma das mais promissoras startups de ecodesign da Europa

POR ALEXANDRA FARAH

Entre o ruído das prensas e o aroma de algodão moído, no coração do 19º *arrondissement* de Paris, estão o showroom e a minifábrica da FabBRICK. Foi lá, entre máquinas que nasceram para fazer pães e pizzas, agora adaptadas para fazer tijolos de revestimento e peças de design, que me sentei para conversar com a arquiteta e empreendedora Clarisse Merlet. Aos 32 anos, ela celebra a consolidação de sua tecnologia proprietária, 10 anos do primeiro protótipo e seu primeiro ano de lucratividade após superar uma quase falência em 2024.

A história da jovem empresa começou em outubro de 2016, quando Clarisse, ainda estudante, se deparou com dois problemas ambientais: o volume colossal de descartes da indústria têxtil e o gigante impacto ecológico dos materiais de construção, como o cimento. Para seu trabalho de fim de curso, decidiu triturar roupas sem condições de uso e misturá-las a um ligante ecológico de formulação própria.

“No início, era apenas meu projeto de faculdade. Após me formar, me perguntei o que fazer com essa ideia”, lembra Clarisse. Logo no início, viralizou nas redes – e muito. Já a virada comercial veio com a rede francesa de moda masculina Jules, que encomendou os tijolos de revestimento para mais de 400 lojas. “Encomendaram toda a nossa produção por três anos. Foram 50 mil tijolos no total, e os primeiros 20 mil fiz sozinha, antes de montar uma equipe”, conta.

Com o crescimento, veio ainda mais superexposição na mídia. Entre 2020 e 2021, ela passou a ser conhecida globalmente, o que trouxe visibilidade, mas também se revelou uma pegadinha que quase levou a startup ao colapso. A comunicação focada em “reciclagem de lixo” atraía *views* e também clientes que esperavam preços baixos. O processo de fazer os tijolos pode ser artesanal, mas não é nada barato. Clarisse compra roupas que não têm mais condições de uso, desenvolve e/ou adapta suas máquinas de alta tecnologia. E a conta não fechava.

“Quando os clientes ouviam a palavra ‘lixo’, esperavam um valor de lixo. Precisei mudar nosso posicionamento para ‘luxo, inovação e acústica de alto padrão’”, conta. Ao banir a palavra lixo do vocabulário, o faturamento dobrou de um ano para o outro e as portas de conglomerados como o grupo LVMH e outros se abriram. “As marcas de luxo querem estética e performance em primeiro lugar; a sustentabilidade vem como um bônus.”

A FabBRICK é a comprovação de que a circularidade pode gerar business forte. A matéria-prima base da empresa vem de centros de triagem que coletam roupas sem condições de revenda. O material chega ao ateliê, é separado por cores e moído.

A receita final contém 81% de tecido e 19% de ligante ecológico. Qualquer tecido é aceito, mas a presença do algodão é fundamental para dar estabilidade estrutural à prensa a frio, impedindo que fibras sintéticas, como o poliéster, se expandam após a compressão.

“Desde o início, eu queria um produto 100% ecológico, sem resinas plásticas ou cimento. Tentei usar amido de batata e farinha de arroz. E aí meu primeiro protótipo virou literalmente um cogumelo gigante!”, diverte-se a fundadora.

Os números atuais mostram maturidade. A fábrica opera com 10 funcionários em dois turnos diários, produzindo cerca de 600 tijolos por dia (pesando aproximadamente 10 quilos por metro quadrado de revestimento). A projeção para 2026 é atingir a marca de 100 mil unidades fabricadas.

Após seis anos de intensos investimentos em P&D, somando mais de 1,5 milhão de euros, 2026 será o primeiro ano lucrativo da FabBRICK.

Além de atender o setor corporativo, que busca os tijolos por sua estética e pelas propriedades de isolamento acústico, a empresa faz objetos de design e mobiliário, e ainda assina projetos importantes, como o revestimento da loja da marca esportiva Salomon. A unidade da Avenue des Champs-Élysées ganhou paredes feitas de botas de esqui recicladas. Recentemente, Clarisse foi convocada para uma reunião na Casa da Moeda francesa que resultou em uma edição limitada criada com sobras de papel de cédulas descartadas. As notas, ficou sabendo a empreendedora, são feitas de algodão.

Ao olhar para o futuro, Clarisse planeja crescer organicamente. A próxima etapa será a transição para um espaço industrial maior. Até 2028, a FabBRICK terá casa nova e bem maior. E assim seguirá provando que resíduos podem e devem virar objetos de desejo em escala. A receita? Pesquisa profunda, trabalho incansável, design contemporâneo e foco na inteligência industrial.

FOTOS: DIVULGAÇÃO